

A temática da educação segundo Marx e Engels: um estudo do *Manifesto do Partido Comunista de 1848*

The theme of education according to Marx and Engels: a study of the 1848 Manifesto of the Communist Party

José Salvador de Almeida
Frederico Jorge Ferreira Costa
Universidade Estadual do Ceará (UECE)
Fortaleza-Brasil

Resumo

Neste artigo, apresentamos a concepção de educação, no pensamento de Marx e Engels, a partir de um estudo sobre o *Manifesto do Partido Comunista (1848)*. Como metodologia, utilizamos a pesquisa bibliográfica. O intuito foi responder à seguinte pergunta: “Qual a concepção de educação, para Marx e Engels, encontrada a partir da leitura do *Manifesto Comunista*?” e analisamos a resposta contida na referida obra. A educação, para Marx e Engels, não é tratada de forma abstrata, isolada, apartada do mundo real, como uma ideia separada do objeto. A temática da educação aparece totalmente articulada com a sociedade. Para os autores do *Manifesto Comunista*, a educação acompanha o próprio movimento histórico, econômico, político, cultural e social do seu tempo. Por fim, a educação, para os autores, também se relaciona com o mundo do trabalho. Assim, o trabalho ganha, nessa relação, um sentido positivo, pois, naquele contexto, é indicado para o processo educacional de todas as crianças, a fim de contribuir com a transformação radical do modo de produção capitalista.

Palavras-chave: Educação; Manifesto Comunista; Marx e Engels.

Abstract:

This article aims to present the conception of education in the thought of Marx and Engels, based on a study of the Communist Party Manifesto (1848). As methodology, we used bibliographical research. We tried to answer the following question: "what is the conception of education, for Marx and Engels, that we can find from the reading of the Communist Manifesto?" and we analyzed the answer found in that work. Education, for Marx and Engels, is not treated in an abstract way, isolated, detached from the real world, as an idea separated from the object. The theme of education appears fully articulated with society. For the authors of the Communist Party Manifesto (1848), education follows the very historical, economic, political, cultural, and social movement of their time. Finally, for the authors, education is also related to the world of work. Thus, work in this relationship gains a positive meaning, because, in that context, it is indicated for the educational process of all children in order to contribute to the radical transformation of the capitalist mode of production.

Keywords: Education; Communist Manifesto; Marx and Engels.

1 Introdução

A educação é um tema de muita relevância para a tradição marxista. De acordo com Suchodolski (1976), o papel social da educação não deve fundamentar-se em algo utópico e alheio à realidade social, como formação de um novo homem, que deve ser responsável pela construção de um novo sistema social, mas exata e cientificamente com a formação do homem, adequada às necessidades e tarefas da sociedade socialista, que se constitui e desenvolve. Nessa direção, acreditamos que a educação pode ajudar a construir um futuro melhor para a história da humanidade.

Marx e Engels não produziram um tratado sobre a educação, porém, tal temática aparece no conjunto da obra, articulada com as preocupações teóricas e práticas desses pensadores materialistas. Assim, Suchodolski (1976) assevera que Marx e Engels têm decisiva importância na história do pensamento pedagógico, como criadores de uma nova concepção da cultura e da história, da sociedade e do homem.

Ainda segundo o autor, essa concepção constitui um ponto de partida não só para a crítica principal dos fundamentos da política cultural burguesa e da sua pedagogia, mas também para os princípios da pedagogia socialista (SUCHODOLSKI, 1976).

O *Manifesto Comunista*, produzido sob encomenda pela Liga dos Comunistas, é a obra de Marx e Engels em que a concepção histórica do materialismo encontra sua expressão como teoria do movimento operário revolucionário (SUCHODOLSKI, 1976).

O autor ainda afirma que a obra evidencia a importância que os fundadores do socialismo científico atribuíam à educação e em quais princípios histórico-políticos queriam se fundamentar, tanto no período de luta contra a burguesia como também após o triunfo do proletariado (SUCHODOLSKI, 1976).

Para Netto (2015), uma apreciação cuidadosa do *Manifesto Comunista* deixa claro que se inscreve em uma tradição histórica e política de que é legatário – a própria forma *manifesto* não era original, em 1848. Se, no plano político, não aparece como um raio em céu sereno, no plano programático recolhe reivindicações que já estavam generalizadas entre os operários (por exemplo, a demanda por educação pública e gratuita).

Ainda segundo Netto (2015), por outro lado, muitas críticas à sociedade burguesa, apresentadas no *Manifesto Comunista*, já tinham sido avançadas por representantes do chamado *socialismo utópico* (por exemplo, Charles Fourier).

Para Netto (2015), o *Manifesto Comunista* conjuga a sua vinculação à tradição do movimento dos trabalhadores e dos precursores do socialismo, com dimensões e características realmente inéditas – pois, em realidade, é tanto um coroamento e uma continuidade quanto uma ruptura daquela tradição. Porém, são essas dimensões/características que, subordinando os componentes de continuidade, fazem dele um documento – teórico e político – objetivamente revolucionário.

Segundo Lombardi (2008), não é possível avançar nas discussões sobre as perspectivas transformadoras de nossa sociedade, deixando de lado as perspectivas também transformadoras de um projeto revolucionário de educação. Ao defender a atualidade do marxismo e também a produção teórica de Marx e Engels em matéria de educação e ensino, o autor afirma que o pressuposto de ambos os pensadores, sobre a educação que interessa aos trabalhadores partidários do comunismo, encontra-se sistematicamente exposto no próprio *Manifesto Comunista*, escrito entre 1847 e 1848, quando Paris viu a emergência da primeira revolução proletária (LOMBARDI, 2008).

De acordo com Sanchez Vázquez (2007), o *Manifesto Comunista* indica a unidade consciente entre teoria e prática, o que não se reduz à unidade entre a teoria e suas consequências práticas, que espontaneamente podem surgir. De fato, a teoria materializou-se, isto é, tornou-se um conjunto de atos integrados a uma práxis¹ total.

Com o *Manifesto Comunista*, surge a necessidade de transformar o mundo efetivamente, não apenas como tarefa teórica, mas objetivo prático, para realizar a revolução. Sob essa perspectiva é que são levantadas questões relacionadas com a educação.

No *Manifesto Comunista*, um documento histórico e político, Marx e Engels apresentam algumas considerações sobre a temática da educação, no contexto europeu, em meados do século XIX. Tais considerações são analisadas, neste trabalho, com o objetivo de responder à seguinte pergunta: Qual a concepção de educação, para Marx e Engels, que podemos encontrar a partir da leitura do *Manifesto Comunista*?

Ao longo deste artigo, portanto, apresentaremos a concepção de educação, no pensamento de Marx e Engels, a partir da leitura do *Manifesto Comunista*, respeitando o contexto histórico europeu do século XIX.

2 Luta de classes e a questão da educação no *Manifesto Comunista*: algumas considerações

O *Manifesto Comunista* é uma resposta ao protagonismo do proletariado² no processo revolucionário de 1848, expressando a independência política dos trabalhadores assalariados. A denominada Revolução de 1848, segundo Claudin (1985), teve relevante papel na formação da teoria política de Marx e Engels, pois os elementos básicos da concepção materialista-dialética da história elaborados, pouco antes, como interpretação teórica do mundo social, foram utilizados para intervir em sua transformação prática por via revolucionária.

Iniciada em Paris, a revolução propagou-se rapidamente pela maior parte da Europa continental, do Atlântico às fronteiras russas. Além da França, foram envolvidos no processo revolucionário a Prússia, Áustria, Baviera, Saxônia e demais Estados da Confederação Germânica; os territórios poloneses ocupados pela Prússia; Boêmia e Hungria, que lutavam contra o domínio austríaco; na Itália, a Lombardia ocupada pela Áustria, o Reino da Sardenha (Piemonte), os Estados do Papa, o Reino de Nápoles, entre outros.

A Revolução de 1848 foi dirigida, no primeiro momento, contra as monarquias absolutas, ou reacionárias, contra o sistema da Santa Aliança e contra as sobrevivências feudais, porém, ao mesmo tempo, mostrou uma tendência antiburguesa, pela participação do proletariado.

Engels apresenta no Prefácio à edição inglesa de 1888 as condições históricas, políticas e sociais que acompanhavam a elaboração e publicação do *Manifesto*. Ele escreve:

O *Manifesto* foi publicado como plataforma da Liga dos Comunistas, associação de operários no princípio exclusivamente alemã e mais tarde internacional, que nas condições políticas do continente anteriores a 1848, era inevitavelmente uma sociedade secreta. No Congresso da Liga, realizado em Londres em novembro de 1847, Marx e Engels foram incumbidos de escrever para fins de publicação um completo programa, teórico e prático do partido. Redigido em alemão, em janeiro de 1848, o manuscrito foi enviado ao editor de Londres poucas semanas antes da revolução francesa de 24 de fevereiro. Uma tradução francesa apareceu em Paris pouco antes da insurreição de junho de 1848. A primeira tradução inglesa, da Srta, Helen Macfarlane, foi publicada no *Red Republican* de George Julian Harney, Londres, 1850. Também foi publicado em dinamarquês e polonês (MARX; ENGELS, 2010, p. 75).

Assim, entendemos que o *Manifesto Comunista* (1848) foi redigido por Marx e Engels no momento de integração de ambos numa atividade revolucionária coletiva de um grupo de militantes que buscavam transformar o mundo e, com esse fito, organizaram a Liga dos Comunistas³. Melhor explicando, o *Manifesto* foi um documento feito por encomenda de um grupo que procurava intervir no processo revolucionário objetivo e dirigia-se aos proletários como força motriz de transformações radicais.

Portanto, nesse documento histórico, encontramos um trabalho teórico-político vinculado às necessidades práticas de uma classe social que participa da revolução para guiá-la, com o objetivo de alcançar a emancipação social.

Marx e Engels iniciam a primeira parte do *Manifesto Comunista*, intitulada “Burgueses e proletários”, apresentando e defendendo a seguinte tese: “A história de todas as sociedades até hoje existentes é a história das lutas de classes” (MARX; ENGELS, 2010, p. 40). Aqui é importante destacar um comentário esclarecedor de Engels sobre essa tese. No Prefácio à edição alemã, do *Manifesto Comunista* de 1883, diz Engels:

A ideia fundamental que percorre todo o *Manifesto* é a de que, em cada época histórica, a produção econômica e a estrutura social que dela necessariamente decorre, constituem a base da história política e intelectual dessa época; que conseqüentemente (desde a dissolução do regime primitivo da propriedade comum da terra) toda a História tem sido a história da luta de classes, da luta entre explorados e exploradores, entre as classes dominadas e as dominantes nos vários estágios da evolução social; que essa luta, porém, atingiu um ponto em que a classe oprimida e explorada (o proletariado) não pode mais libertar-se da classe que a explora e oprime (a burguesia) sem que, ao mesmo tempo, liberte-se para sempre toda a sociedade da exploração, da opressão e da luta de classes – este pensamento fundamental pertence única e exclusivamente a Marx (MARX; ENGELS, 2010, p. 74).

Nessa direção, após uma exposição histórica sobre a estruturação das sociedades em classes distintas, os autores do *Manifesto* reconhecem que a sociedade burguesa, que brotou das ruínas da sociedade feudal, não aboliu a luta de classes.

Para Marx e Engels (2010), a nossa época, a época da burguesia, caracteriza-se por ter simplificado os antagonismos de classe. “A sociedade divide-se cada vez mais em dois campos opostos, em duas grandes classes em confronto direto: a burguesia e o proletariado” (MARX; ENGELS, 2010, p. 41).

No contexto da Revolução Industrial, em meados dos séculos XVIII-XIX, na Europa, em especial, na Inglaterra, a grande indústria moderna avançou sobre a manufatura e a manufatura foi superada; então, surgiram, assim, os milionários da indústria, ou seja, os

A temática da educação segundo Marx e Engels: um estudo do Manifesto do Partido Comunista de 1848

burgueses modernos. Sobre tal contexto, Hobsbawm (2014) explica que chamar esse processo de revolução industrial é lógico e está em conformidade com uma tradição bem estabelecida, embora tenha sido moda entre os historiadores conservadores – talvez devido a uma certa timidez, em face de conceitos incendiários – negar sua existência e substituí-la por termos banais, como “revolução acelerada”.

Ele observa ainda que, se a transformação rápida, fundamental e qualitativa, que se deu por volta da década de 1780, não foi uma revolução, então, a palavra não tem qualquer significado prático. Para ele, “a revolução industrial não foi um episódio com um princípio e um fim. Não tem sentido perguntar quando se ‘completou’, pois sua essência foi a de que a mudança revolucionária se tornou norma desde então” (HOBBSAWM, 2014, p. 59-60).

Nesse sentido, Marx e Engels comentam que:

A grande indústria criou o mercado mundial, preparado pela descoberta da América. O mercado mundial acelerou enormemente o desenvolvimento do comércio, da navegação, dos meios de comunicação. Esse desenvolvimento reagiu, por sua vez, sobre a expansão da indústria; e, à medida que a indústria, o comércio, a navegação e as vias férreas se desenvolviam, crescia a burguesia, multiplicando seus capitais e colocando num segundo plano todas as classes legadas pela Idade Média (MARX; ENGELS, 2010, p. 41).

Percebemos, então, com muita facilidade, durante a leitura do *Manifesto*, que a burguesia moderna é produto de um longo processo histórico, marcado pela contradição de camadas sociais distintas, pela luta e disputa do mercado, de uma série de transformações nos modos de produção e circulação, de um progresso político correspondente a cada etapa desse desenvolvimento, até a conquista da soberania política exclusiva no Estado representativo moderno.

Em nossa compreensão, o processo de desenvolvimento da burguesia também alterou a forma de pensar e, nesse sentido, a forma de educar as novas gerações. Sobre tal assunto, é esclarecedora a seguinte passagem:

Onde quer que tenha conquistado o poder, a burguesia destruiu as relações feudais, patriarcais e idílicas. Rasgou todos os complexos e variados laços que prendiam o homem feudal a seus “superiores naturais”, para deixar subsistir apenas, de homem para homem, o laço do frio interesse, às duras exigências do “pagamento à vista”. Afogou os fervores sagrados da exaltação religiosa, do entusiasmo cavalheiresco, do sentimentalismo pequeno-burguês nas águas geladas do cálculo egoísta. Fez da dignidade pessoal um simples valor de troca, substituiu as numerosas liberdades, conquistadas duramente, por uma única liberdade sem escrúpulos: a do comércio.

Em uma palavra, em lugar da exploração dissimulada por ilusões religiosas e políticas, a burguesia colocou uma exploração aberta, direta, despudorada e brutal (MARX; ENGELS, 2010, p. 42).

Em outra passagem, afirmam que “A burguesia rasgou o véu do sentimentalismo que envolvia as relações de família e reduziu-as a meras relações monetárias” (MARX; ENGELS, 2010, p. 42). Assim, entendemos que a destruição das antigas relações sociais e o estabelecimento de novas relações acompanham, por conseguinte, uma nova forma de educar, pois a temática da educação, em Marx e Engels, está totalmente articulada com a sociedade, isto é, que a educação e sociedade, no pensamento destes autores, estão numa relação inseparável.

Percebendo as contradições da realidade social e acompanhando o movimento histórico do seu próprio tempo, Marx e Engels asseveram que “a burguesia não pode existir sem revolucionar incessantemente os instrumentos de produção, por conseguinte, as relações de produção, e, com isso, todas as relações sociais” (MARX; ENGELS, 2010, p. 43). Nessa direção, entendemos que as antigas relações sociais são alteradas, por consequência, com o desenvolvimento da burguesia.

Afirmam Marx e Engels: “[...] Tudo o que era sólido e estável se desmancha no ar, tudo o que era sagrado é profanado e os homens são obrigados finalmente a encarar sem ilusões a sua posição social e as suas relações com os outros homens” (MARX; ENGELS, 2010, p. 43).

A burguesia, de acordo com os autores, pela exploração do mercado mundial, “imprime um caráter cosmopolita à produção e ao consumo em todos os países” (MARX; ENGELS, 2010, p. 43). Desse modo, defendemos que, no lugar das antigas necessidades, a burguesia cria novas necessidades e, com isso, uma nova forma de produzir e consumir, logo, também uma nova forma de viver e pensar, pois “no lugar do antigo isolamento de regiões e nações autossuficientes, desenvolvem-se um intercâmbio universal e uma universal interdependência das nações” (MARX; ENGELS, 2010, p. 43).

Ainda segundo os autores, essa universalidade refere-se tanto à produção material como à produção intelectual. As criações intelectuais de uma nação tornam-se patrimônio comum. A estreiteza e a unilateralidade nacionais tornam-se cada vez mais impossíveis, pois, das numerosas literaturas nacionais e locais, nasce uma literatura universal (MARX; ENGELS, 2010).

A temática da educação segundo Marx e Engels: um estudo do Manifesto do Partido Comunista de 1848

Para os autores, com o desenvolvimento da burguesia, “desenvolve-se também o proletariado, a classe dos operários modernos, os quais só vivem enquanto têm trabalho e só têm trabalho enquanto seu trabalho aumenta o capital” (MARX; ENGELS, 2010, p. 46).

Em nossa compreensão, na lógica do capitalismo, portanto, o ser humano é reduzido à condição de uma mera mercadoria e como mercadoria “estão sujeitos a todas as vicissitudes da concorrência, a todas as flutuações do mercado” (MARX; ENGELS, 2010, p. 46).

Entendemos também que, a partir do desenvolvimento da grande indústria, mediante a fabricação e o uso de várias máquinas no processo de produção das mercadorias⁴, o operário moderno está condenado à divisão do trabalho, que obedece às coordenadas do capital. A sua formação passará, então, a ser um processo de “deformação”. A máquina é capaz de retirar a autonomia do trabalhador em relação ao seu próprio trabalho. Ou melhor, o trabalhador moderno, sob a submissão do capital, perde a capacidade de controlar o seu trabalho e a sua produção.

Vejam, então, a denúncia apresentada por Marx e Engels sobre esse assunto:

O crescente emprego de máquinas e a divisão do trabalho despojaram a atividade do operário de seu caráter autônomo, tirando-lhe todo o atrativo. O operário torna-se um simples apêndice da máquina e dele só se requer o manejo mais simples, mais monótono, mais fácil de aprender. Desse modo, o custo do operário se reduz, quase exclusivamente, aos meios de subsistência que lhe são necessários para viver e perpetuar sua espécie. Ora, o preço do trabalho, como de toda mercadoria, é igual ao seu custo de produção. Portanto, à medida que aumenta o caráter enfadonho do trabalho, decrescem os salários. Mais ainda, na mesma medida em que aumenta a maquinaria e a divisão do trabalho, sobe também a quantidade de trabalho, quer pelo aumento das horas de trabalho, quer pelo aumento do trabalho exigido num determinado tempo, quer pela aceleração do movimento das máquinas etc. (MARX; ENGELS, 2010, p. 46).

A exigência de uma formação mínima para o manuseio da máquina é uma característica da grande indústria no contexto denunciado por Marx e Engels. Naquela época, no decorrer do desenvolvimento da indústria moderna, a repetição constante de determinada atividade exaustiva, durante muitas horas de trabalho; a inexistência de tempo para o lazer e a falta de uma educação capaz de desenvolver as potencialidades humanas, estão entre os fatores que propiciaram um processo de embrutecimento humano registrado em várias passagens da obra de Marx e Engels.

Esse processo de embrutecimento humano reduziu, principalmente, a classe trabalhadora à condição de mercadoria. O ser humano perde a sua condição de humano e passa a ser explorado constantemente pelo capital. A grande indústria é capaz de produzir maravilhas para os ricos, mas também é capaz de criar artificialmente a miséria extrema entre os pobres.

Nas palavras de Marx e Engels:

A indústria moderna transformou a pequena oficina do antigo mestre da corporação patriarcal na grande fábrica do industrial capitalista. Massas de operários, amontoadas na fábrica, são organizadas militarmente. Como soldados rasos da indústria, estão sob a vigilância de uma hierarquia completa de oficiais e suboficiais. Não são apenas servos da classe burguesa, do Estado burguês, mas também dia a dia, hora a hora, escravos da máquina, do contramestre e, sobretudo, do dono da fábrica. E esse despotismo é tanto mais mesquinho, mais odioso e exasperador quanto maior é a franqueza com que proclama ter no lucro seu objetivo exclusivo (MARX; ENGELS, 2010, p. 46).

No contexto analisado, mediante o progresso da indústria moderna, a burguesia começou a explorar a força de trabalho feminina e infantil (mulheres e crianças). Sobre o assunto, Marx e Engels afirmam: “As diferenças de idade e de sexo não tem mais importância social para a classe operária. Não há senão instrumentos de trabalho, cujo preço varia segundo a idade e o sexo” (MARX; ENGELS, 2010, p. 46).

Desse modo, percebemos, mais uma vez, que novas relações sociais são estabelecidas a partir do desenvolvimento da grande indústria e que tais relações refletem uma nova forma de organização social e também educacional. A antiga educação é substituída por uma forma que atende exclusivamente aos interesses do capital. A burguesia crescente avança sobre as antigas relações sociais, destruindo e criando, ao mesmo tempo, novas relações oriundas do modo de produção capitalista.

A expansão do proletariado é resultado do desenvolvimento da grande indústria. Nesse desenvolvimento, o proletariado, além de sofrer na pele os efeitos nocivos oriundos do modo de produção capitalista, também alcançará a consciência de sua força no enfrentamento contra a burguesia. A partir do rebaixamento constante dos salários, a um nível igualmente baixo, pois a maquinaria extingue toda a diferença de trabalho, a vida do operário tornou-se cada vez mais precária.

[...] Os choques individuais entre o operário singular e o burguês singular tomam cada vez mais o caráter de confrontos entre duas classes. Os operários começam a formar coalisões contra os burgueses e atuam em comum na defesa de seus salários;

A temática da educação segundo Marx e Engels: um estudo do Manifesto do Partido Comunista de 1848

chegam a fundar associações permanentes a fim de se precaverem de insurreições eventuais. Aqui e ali a luta irrompe em motim (MARX; ENGELS, 2010, p. 48).

A burguesia, portanto, vive em luta permanente; primeiro, contra a aristocracia; depois, contra as frações da própria burguesia, que possui interesses em conflitos com os interesses da indústria; e sempre contra a burguesia dos países estrangeiros. Em todas essas lutas, a burguesia é obrigada a arrastar o proletariado para o movimento político. “A burguesia fornece aos proletários os elementos de sua própria educação política, isto é, armas contra ela própria” (MARX; ENGELS, 2010, p. 48).

Aqui, percebemos que a educação do proletariado é tratada em articulação com o próprio movimento real da luta política contra a burguesia. Ou melhor, que a educação, para Marx e Engels, não é tratada de forma abstrata, isolada, apartada do mundo real, como uma ideia separada do objeto, o que quer dizer que, em nossa compreensão, a ideia de educação acompanha o próprio movimento histórico, econômico, político, cultural e social e que não há sentido em falar sobre uma educação atemporal ou pensada fora da própria história dos homens.

Os autores asseveram:

Além disso, como já vimos, frações inteiras da classe dominante, em consequência do desenvolvimento da indústria, são lançadas no proletariado, ou pelo menos ameaçadas em suas condições de existência. Também elas trazem ao proletariado numerosos elementos de educação (MARX; ENGELS, 2010, p. 48).

Percebemos, assim, que a educação, segundo Marx e Engels, ganha, gradativamente, elementos importantes para a sua compreensão. Como já colocamos, a educação aparece articulada com a vida real dos proletários e acompanha o movimento político do seu próprio tempo histórico. Em relação a esse assunto, a passagem seguinte é bastante esclarecedora. Leiamos, portanto, a citação:

As condições de existência da velha sociedade já estão destruídas nas condições de existência do proletariado. O proletário não tem propriedade; suas relações com a mulher e os filhos já nada têm em comum com as relações familiares burguesas. O trabalho industrial moderno, a subjugação do operário ao capital, tanto na Inglaterra como na França, na América como na Alemanha, despoja o proletário de todo caráter nacional. As leis, a moral, a religião são para ele meros preconceitos burgueses, atrás dos quais se ocultam outros tantos interesses burgueses (MARX; ENGELS, 2010, p. 49).

É, portanto, evidente, o caráter de classe da ideia de educação defendida por Marx e Engels. Percebemos, assim, que defendem uma educação para o proletariado diferente da educação burguesa. Porém, é importante destacar ainda que, em nossa compreensão, essa abordagem de educação, apesar de possuir um caráter de classe, deverá desenvolver as potencialidades humanas, pois não colabora com os interesses nefastos do capital, uma vez que está articulada com os interesses políticos da classe operária. Tal educação deve, então, atender aos interesses da maioria e, nesse sentido, colaborar com uma nova forma de organização social, ou seja, o socialismo.

Assim, sobre essa nova forma de organização social, Bottomore (2001) explica que, para Marx e Engels, o socialismo não era um ideal para o qual se podia fazer planos atraentes, mas o produto das leis do desenvolvimento do capitalismo que os economistas clássicos haviam sido os primeiros a descobrir e analisar. Esclarece, ainda, que Marx e Engels abstiveram-se, muito logicamente, de qualquer tentativa de descrição detalhada, ou mesmo de definição do socialismo.

Segundo Bottomore (2001), o socialismo era, para Marx e Engels, antes de qualquer outra coisa, uma negação do capitalismo, que desenvolveria sua própria identidade positiva (comunismo) através de um longo processo revolucionário no qual o proletariado transformaria a sociedade e, com isso, transformaria a si mesmo.

Aqui, portanto, destacamos, mais uma vez, a interconexão necessária entre educação e sociedade para os autores do *Manifesto Comunista*.

3 Marx e Engels: a defesa da educação (pública e gratuita) e a associação da educação com a produção material no *Manifesto Comunista*

Na segunda parte do *Manifesto Comunista*, intitulada “Proletários e comunistas”, Marx e Engels (2010) afirmam que a cultura na sociedade capitalista moderna também possui um caráter de classe e que o desaparecimento da cultura burguesa não significa necessariamente o desaparecimento de toda a cultura.

Na sociedade capitalista, “a cultura, cuja perda o burguês deplora, é para a imensa maioria dos homens apenas um adiestramento que os transforma em máquinas” (MARX; ENGELS, 2010, p. 54). Ou seja, a cultura burguesa atende totalmente aos interesses do capital, aos interesses da grande indústria moderna. As ideias burguesas são, portanto, produtos das relações burguesas de produção e existem para alimentar o próprio sistema burguês. O que

A temática da educação segundo Marx e Engels: um estudo do Manifesto do Partido Comunista de 1848

quer dizer que os interesses da classe burguesa não condizem com os interesses do proletariado. Esse caráter classista, por sua vez, percorre todas as instâncias da sociedade e, conseqüentemente, a cultura também sofre a influência da burguesia.

Ao explicitar a relação dos comunistas com o proletariado em geral, apresentam vários esclarecimentos em resposta as objeções feitas pela burguesia ao movimento comunista. Sobre a temática da educação, destacamos, então: “Dizeis também que destruimos as relações mais íntimas, ao substituímos a educação doméstica pela educação social” (MARX; ENGELS, 2010, p. 55). Na seqüência, no mesmo documento, é esclarecedor o questionamento colocado pelos autores do *Manifesto*. Vejamos:

E vossa educação não é também determinada pela sociedade? Pelas condições sociais em que educais vossos filhos, pela intervenção direta ou indireta da sociedade, por meio de vossas escolas etc.? Os comunistas não inventaram a intromissão da sociedade na educação; apenas procuram modificar seu caráter arrancando a educação da influência da classe dominante (MARX; ENGELS, 2010, p. 55).

Já sabemos que Marx e Engels não escreveram um tratado sobre a educação, porém, defendemos que a educação foi considerada no conjunto das obras desses pensadores materialistas. Eles conheciam muito bem o caráter classista da educação do seu tempo, conforme já destacamos. Nessa direção, a disputa por uma educação que atendesse aos interesses do proletariado e, por conseguinte, desenvolvesse as capacidades humanas, estava na ordem do dia e, por esse motivo, podemos encontrá-la em obras dos autores citados.

Aqui, mais uma vez, compreende-se que a educação é tratada em articulação direta com a sociedade. Tal articulação não foi inventada pelos comunistas. Ao reconhecer a relação entre educação e sociedade, defendemos que Marx e Engels também conheciam o caráter histórico da educação. Logo, está claro que a temática da educação aparece associada com a crítica à sociedade burguesa. Isto posto, entendemos que a defesa de uma nova forma de organização social não pode ser compreendida sem a defesa simultânea e dialética de uma nova forma de educação social.

Para Marx e Engels (2010), o palavreado burguês sobre a família e a educação tornava-se cada vez mais repugnante, à medida que a grande indústria destruía os laços familiares do

proletariado e transformava suas crianças em simples artigos de comércio, em simples instrumentos de trabalho. Arrancar, portanto, a educação da influência da classe burguesa para evitar que a burguesia continuasse com o seu domínio ideológico sobre o proletariado, era, pois, um objetivo real que integrava o conjunto de ações para a derrubada da classe dominante.

Ao indicar que a primeira fase da revolução operária é a elevação do proletariado a classe dominante, à conquista da democracia, os autores sustentam que o proletariado utilizará sua supremacia política para arrancar pouco a pouco o capital da burguesia, para centralizar todos os instrumentos de produção nas mãos do Estado, isto é, do proletariado organizado como classe dominante, e aumentar o mais rapidamente possível o total das forças produtivas (MARX; ENGELS, 2010).

Assim, para isso, Marx e Engels recomendam um conjunto de medidas (econômicas e sociais) para o proletariado colocá-las em prática após a primeira fase da revolução operária. Tais medidas, de acordo com os autores, eram indispensáveis para transformar radicalmente todo o modo de produção capitalista.

Vejamos, então, o conjunto de medidas extraídas da segunda parte do *Manifesto Comunista*, intitulada “II – Proletários e comunistas”.

1. Expropriação da propriedade fundiária e emprego da renda da terra para despesas do Estado.
2. Imposto fortemente progressivo.
3. Abolição do direito de herança.
4. Confisco da propriedade de todos os emigrados e rebeldes.
5. Centralização do crédito nas mãos do Estado por meio de um banco nacional com capital do Estado e com o monopólio exclusivo.
6. Centralização de todos os meios de comunicação e transporte nas mãos do Estado.
7. Multiplicação das fábricas nacionais e dos instrumentos de produção, arroteamento das terras incultas e melhoramento das terras cultivadas, segundo um plano geral.
8. Unificação do trabalho obrigatório para todos, organização de exércitos industriais, particularmente para a agricultura.
9. Unificação dos trabalhos agrícola e industrial; abolição gradual da distinção entre a cidade e o campo por meio de uma distribuição mais igualitária da população pelo país.
10. Educação pública e gratuita a todas as crianças; abolição do trabalho das crianças nas fábricas, tal como é praticado hoje. Combinação da educação com a produção material etc. (MARX; ENGELS, 2010, p. 58).

A temática da educação aparece novamente no *Manifesto*, pois Marx e Engels, na décima medida, recomendam a educação pública e gratuita a todas as crianças, bem como a abolição do trabalho das crianças nas fábricas, em sua forma atual, isto é, tal como era praticado naquele momento.

A temática da educação segundo Marx e Engels: um estudo do Manifesto do Partido Comunista de 1848

Durante a leitura do texto, verificamos que, em meados do século XIX, naquele contexto, os autores do *Manifesto* repudiavam a exploração burguesa sobre o trabalho infantil, visto que o trabalho, nas condições impostas pela burguesia, era muito pernicioso e, conseqüentemente, impossibilitava o desenvolvimento saudável das crianças. Em vista disso, defendemos que Marx e Engels acompanhavam o debate político da época e, por isso, a defesa da educação (pública e gratuita) e a defesa da abolição do trabalho das crianças nas fábricas atendiam prontamente aos interesses do proletariado e preparavam, ao mesmo tempo, as novas bases para uma educação socialista.

Observamos ainda que, ao final da décima medida, destacada acima, na segunda parte do *Manifesto* (II – Proletários e comunistas), Marx e Engels apresentam a defesa de uma educação (pública e gratuita) combinada com a produção material. Diante disso, notamos que tal abordagem de educação também possui uma relação com o mundo do trabalho. Assim, na nossa compreensão, tal relação deve ser entendida como um dos princípios fundamentais do conceito de educação defendida para a classe operária.

O trabalho, nessa relação, ganha um sentido positivo, pois é indicado para o processo educacional de todas as crianças, a fim de contribuir com a transformação radical do modo capitalista de produção. Logo, o trabalho, no sentido positivo, deve ser uma atividade de realização dos indivíduos e, nessa compreensão, combinado com a educação, deve elevar a classe trabalhadora em direção ao socialismo.

Na compreensão de Manacorda (2007), Marx, ao aceitar o princípio da união do ensino ao trabalho material produtivo, exclui, no entanto, qualquer instrução desenvolvida na fábrica capitalista, tal como se apresenta, porque, para ele, a fábrica não é um sistema que elimina a divisão do trabalho, mas, antes, um sistema que, unicamente pela intervenção política (que não se reduz apenas às dez medidas indicadas no *Manifesto*), poderá, ao abolir seus aspectos mais alienantes, desenvolver uma função libertadora. Logo, concordamos com Manacorda, pois a defesa da união entre educação e trabalho produtivo não ignora as condições históricas reais, mas procura extrair das próprias condições históricas as bases para uma nova forma de educação e sociedade.

Em nossa compreensão, Marx não aceita a forma de trabalho que fundamenta o capital por considerar nociva ao desenvolvimento humano, porém, não nega o trabalho

enquanto princípio ontológico de constituição do ser social. Ao agir sobre a fábrica, Marx procura eliminar o estranhamento no interior do trabalho e, com isso, o trabalho, livre do estranhamento, associado com a educação, deverá transformar radicalmente a sociedade capitalista.

No *Manifesto*, portanto, Marx e Engels não falam explicitamente de conteúdos, porém entendemos que a concepção de educação, defendida por eles, deve proporcionar o livre desenvolvimento do espírito humano e contribuir para a construção de uma nova forma de organização social.

4 Considerações finais

Nesta pesquisa teórica, apresentamos a concepção de educação, em Marx e Engels, no *Manifesto Comunista* (1848). Com o estudo, mostramos que, na obra analisada, existe uma ideia de educação, para os autores do *Manifesto*. A educação, nessa obra, não é tratada apenas como uma questão meramente pontual. A defesa de uma educação (pública e gratuita) para todas as crianças atendia aos interesses do proletariado, porém, é importante destacar que, tal defesa preparava, ao mesmo tempo, as novas bases para uma educação socialista. Tal forma de educação, que também possui uma relação com o mundo do trabalho, no sentido positivo, deve proporcionar o livre desenvolvimento do espírito humano.

O estudo permitiu esclarecer, ainda, que a concepção de educação, em Marx e Engels, acompanha os próprios movimentos histórico, político, social e econômico do seu tempo. Ou seja, a educação está totalmente articulada com a forma de organização social dos homens e, nesse sentido, também é histórica.

Por fim, acreditamos que este estudo deve fomentar o debate sobre o conceito de educação nas obras de Marx e Engels e contribuir diretamente na produção de novas pesquisas bibliográficas sobre o assunto abordado, a fim de delinear uma pedagogia socialista compatível com as reais necessidades pertinentes ao nosso tempo histórico.

Referências

Bottomore, T. (editor). **Dicionário do pensamento marxista**. Laurence Harris, V. G. Kiernan, Ralph Miliband, (coeditores); [tradução, Waltensir Dutra; organizador da edição brasileira, revisão técnica e pesquisa bibliográfica suplementar, Antônio Moreira Guimarães]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

A temática da educação segundo Marx e Engels: um estudo do Manifesto do Partido Comunista de 1848

Claudin, F. **Marx, Engels y la Revolución de 1848**. Madrid, España: Siglo XXI de España Editores, 1985.

Hobsbawm, E. J. **A era das revoluções**. 33. ed. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 2014.

Lombardi, J. C., Saviani, Dermeval. (org.). **Marxismo e Educação**. 2. ed. Campinas, SP: Autores Associados: HISTEDBR, 2008.

Manacorda, M. A. **Marx e a pedagogia moderna**. [tradução Newton Ramos-de-Oliveira]. Campinas, SP: Editora Alínea, 2007.

Marx, K., Engels, F. **Manifesto comunista**. Organização e introdução Osvaldo Coggiola; [tradução do Manifesto Álvaro Pina e Ivana Jinkings]. 1. ed. revista, São Paulo, SP: Boitempo, 2010.

Marxists.org. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/marx/1885/10/08.htm#tn145>>. Acesso em: 01 jun. 2022.

Netto, J. P. O manifesto comunista: Limites e grandeza teórico-política. In: Netto, J. P. (org.). **Guia de introdução ao marxismo/Curso livre Marx-Engels: A criação destruidora**. São Paulo: Boitempo, 2015.

Suchodolski, B. **Teoria Marxista da Educação**. [tradução de Maria Carlota Melo]. Volume I, Lisboa: Editorial Estampa, 1976.

Sanchez Vázquez, A. **Filosofia da práxis**. [tradução de Maria Encarnación Moya]. 1. ed. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (Clacso); São Paulo: Expressão Popular, 2007.

Notas

¹ Neste artigo, a práxis, em Marx, deve ser entendida como atividade humana (livre, universal, criativa e autocriativa) transformadora da natureza e da sociedade.

² A classe dos assalariados modernos que, não tendo meios próprios de produção, são obrigados a vender sua força de trabalho para sobreviver. (Nota explicativa de F. Engels à edição inglesa de 1888 do *Manifesto do Partido Comunista*).

³ A Liga dos Comunistas foi a primeira organização comunista internacional do proletariado, fundada em 1847, em Londres, por Karl Marx e Friedrich Engels. No texto intitulado “Para a História da Liga dos Comunistas”, de 8 de outubro de 1885, Engels apresenta o objetivo da Liga dos Comunistas, a saber: O objetivo da liga é o derrubamento da burguesia, a dominação do proletariado, a superação da velha sociedade burguesa que repousa sobre oposições de classes, e a fundação de uma nova sociedade sem classes e sem propriedade privada.

⁴ Recomendamos a leitura do Capítulo 1 - A mercadoria, do primeiro volume de *O capital: crítica da economia política*, intitulado “O processo de produção do capital”.

Sobre os autores

José Salvador de Almeida

Doutorando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará (PPGE-UECE). Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará (PPGE-UFC). Possui graduação em História pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (2012). Estudante do curso de Bacharelado em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará (2019). Membro do Grupo de Estudos Marxistas (GEM/UFC), vinculado ao Eixo Marxismo, Teoria Crítica e Filosofia da Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará (PPGE-UFC). Membro do Grupo de Pesquisa Ontologia do Ser Social, História, Educação e Emancipação Humana (GPOSSHE). Atualmente é bolsista vinculado a Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP) e desenvolve suas pesquisas nas áreas de História da educação, filosofia da educação, marxismo e teoria crítica da educação.

E-mail: salvadoralmeida002@gmail.com **ORCID:** <https://orcid.org/0000-0002-1036-8381>

Frederico Jorge Ferreira Costa

Graduado em Direito pela Universidade Federal do Ceará (1996), Mestre em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará (2000) e Doutor em Educação pela Universidade Federal do Ceará (2007). Em 2016-2017 fez estágio pós-doutoral em Filosofia Política na Universidade Federal do Ceará (UFC). Atualmente é professor adjunto da Faculdade de Educação de Itapipoca da Universidade Estadual do Ceará – FACEDI/UECE, professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará – PPGE/UECE, professor do Mestrado Acadêmico em Serviço Social, Trabalho e Questão Social da Universidade Estadual do Ceará – MASS/UECE, membro do conselho editorial da Revista Outubro (São Paulo) – ISSN 1516-6333 e Coordenador-geral do Instituto de Estudos e Pesquisas do Movimento Operário. Líder do Grupo de Pesquisa Ontologia do Ser Social, História, Educação e Emancipação Humana (GPOSSHE).

E-mail: frederico.costa@uece.br **ORCID:** <https://orcid.org/0000-0002-8357-4557>

Recebido em: 12/04/2022

Aceito para publicação em: 12/05/2022